

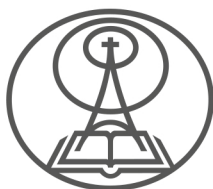
JOHN F. WALVOORD

REVISADO E EDITADO POR
CHARLES H. DYER & PHILIP E. RAWLEY

DANIEL



chamada



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site
loja.chamada.com.br

DANIEL

JOHN F. WALVOORD

REVISADO E EDITADO POR
CHARLES H. DYER & PHILIP E. RAWLEY

DANIEL

TRADUÇÃO
JOSÉ FERNANDO CRISTÓFALO

1ª EDIÇÃO
2023



chamada

This book was first published in the United States by Moody Publishers, 820 N. LaSalle Blvd., Chicago, IL 60610 with the title *Daniel*, copyright © 2012 by John F. Walvoord. Translated by permission. All rights reserved.

Este livro foi publicado primeiramente nos Estados Unidos por Moody Publishers sob o título *Daniel*, copyright © 2012 por John F. Walvoord. Traduzido com permissão. Todos os direitos reservados.

Todos os direitos reservados para a língua portuguesa.

Copyright © 2022 por Chamada

1ª Edição – Abril/2023

É proibida a reprodução desta obra em quaisquer meios sem a expressa permissão da editora, salvo para breves citações com a indicação da fonte.

Editor: *Sebastian Steiger*

Tradução: *José Fernando Cristófalo*

Preparação: *Débora Steiger*

Revisão: *Josemar de Souza Pinto*

Capa e projeto gráfico: *Filipe Spitzer Landrino e*

Rômulo Spier do Nascimento

Salvo indicação em contrário, todas as passagens da Escritura foram extraídas do texto bíblico da Nova Almeida Atualizada, NAA © Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. Usado com permissão. www.sbb.org.br

Passagens da Escritura marcadas como NVI foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional, NVI®, copyright © 1993, 2000, 2011 por Biblica, Inc. Todos os direitos reservados mundialmente.

Passagens da Escritura marcadas como BKJ foram extraídas da Bíblia Sagrada, Versão BKJ Fiel 1611, copyright © 2015 por BV Films Editora. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como A21 foram extraídas da Bíblia Almeida Século 21, copyright © 2008 por Edições Vida Nova.

Passagens da Escritura marcadas como TB foram extraídas da Tradução Brasileira (TB), copyright © 1917, 2010 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

Obra Missionária Chamada da Meia-Noite

Rua Erechim, 978 – Bairro Nonoai

CEP: 90830-000 – Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3241-5050

www.chamada.com.br

pedidos@chamada.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial - Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

W241 Walvoord, John F.

Daniel / John F. Walvoord ; revisado e editado por Charles H. Dyer e Philip E. Rawley ; tradução José Fernando Cristófalo. — 1. ed. — Porto Alegre : Chamada, 2023.

560 p. ; 21 cm.

Título original em inglês: *Daniel*.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-89505-29-7

1. Bíblia. A.T. *Daniel* – Comentários. 2. Bíblia. A.T. *Daniel* – Crítica, interpretação, etc.

3. Bíblia – Estudo e ensino. I. Dyer, Charles H. II. Rawley, Philip E. III. Cristófalo,

José Fernando. IV. Título.

CDD23: 224.5077

*Esta obra é dedicada a Don Campbell,
Chuck Swindoll e Mark Bailey – três homens
que, um após o outro, assumiram o manto do
dr. Walvoord como presidente do Dallas Seminary.*

*Deus usou cada um de vocês, à sua própria e singular
maneira, para expandir e fortalecer o legado da escola.
Ao lado do dr. Chafer e do dr. Walvoord, vocês formam
uma inquebrável linhagem de líderes, que jamais vacilaram
em seu compromisso de treinar outros no conhecimento e
na proclamação da Palavra de Deus.*

*Obrigado por sua liderança tão eficaz.
É um privilégio poder chamá-los de amigos!*

Charles H. Dyer

SUMÁRIO

Apresentação	9
Prefácio	15
Introdução.....	21
1. Início da vida de Daniel na Babilônia (1.1-21).....	59
2. Visão da grande imagem de Nabucodonosor (2.1-49).....	87
3. A imagem de ouro de Nabucodonosor (3.1-30).....	139
4. O orgulho e a punição de Nabucodonosor (4.1-37).....	167
5. O banquete de Belsazar e a queda da Babilônia (5.1-31).....	195
6. Daniel na cova dos leões (6.1-28).....	223
7. A visão de Daniel sobre o futuro da história mundial (7.1-28).....	245
8. A visão do carneiro e do bode (8.1-27).....	303
9. A profecia das setenta semanas (9.1-27).....	343
10. A visão de Daniel da glória de Deus (10.1-21).....	409
11. História mundial de Dario até o tempo do fim (11.1-45).....	433
12. O tempo do fim (12.1-13).....	489
Apêndice: A profecia das “setenta semanas”.....	521
Bibliografia	531
Índice de textos bíblicos	543

APRESENTAÇÃO

Nas semanas que antecederam a morte de meu pai, tivemos tempo de celebrar a sua vida, relembrar histórias sobre os eventos familiares passados e sonhar um pouco sobre o futuro. A mente e a memória de meu pai estavam aguçadas, e ele mostrava-se otimista e confiante como sempre. Com 92 anos de idade, havia vivido plenamente e servido bem ao Senhor que ele amava.

Os médicos lhe tinham dado seis semanas de vida e, naquele período, relembramos muitas histórias de família. Meu pai foi visitado por um séquito de amigos íntimos, muitos dos quais influentes líderes que ele havia ensinado e mentoreado. Seus dias no quarto do hospital foram repletos de ternas memórias e muitas risadas. De vez em quando, um hino ecoava pelos corredores.

Como seu filho mais velho, meu pai confiou-me uma lista de coisas. Contudo, em sua derradeira semana de vida, a conversa concentrou-se nos setenta anos que ele havia dedicado ao estudo da Bíblia. Durante todo esse tempo, conforme meu pai explicou, quatro comentários bíblicos tinham sido objeto de seu mais intenso estudo: *Apocalipse*, *Daniel*, *Mateus* e *1–2 Tessalonicenses*. Ele compartilhou histórias sobre como esses livros foram primeiramente escritos, ensinados e, por fim, publicados.

Lembro-me de muitos desses momentos. Todo verão, a nossa família se amontoava dentro do nosso carro e viajávamos pelos Estados Unidos, às vezes até o Canadá. Íamos de uma conferência bíblica a outra, mas grande parte do

tempo passávamos na estrada. E sempre havia, em algum lugar do carro, uma caixa de papelão cheia de livros.

Muitas noites, papai nos colocava para dormir e, silenciosamente, se trancava no banheiro do hotel de beira de estrada para ler e fazer as suas anotações. Então, quando estava pronto, ele ditava um capítulo inteiro, com notas de rodapé e tudo o mais. Assim, fosse na estrada ou em nossa casa, seu trabalho acadêmico era feito, em geral, tarde da noite e bem cedo de manhã. Essa rotina prosseguiu por toda a sua vida.

Seu sonho, naquelas conversas finais, era que seu trabalho e seus *insights* bíblicos permanecessem vivos depois de sua partida. Ele lembrou como os comentários e trabalhos de alguns dos grandes mestres da Bíblia vivem por gerações. Será que seus comentários sobreviveriam para ensinar a outros após sua morte?

Meu pai explicou que havia escolhido a editora Moody Publishers (na época, conhecida como Moody Press) para publicar o seu primeiro comentário sobre o livro de *Apocalipse* por uma razão muito importante. Ele sabia que podia confiar neles para manter o comentário impresso pelo tempo que fosse necessário.

Assim, naquelas últimas semanas de vida de meu pai, nossas discussões produziram uma atribuição a mais. Conseguiria eu descobrir uma forma de realizar o seu sonho e manter vivos os seus trabalhos para as gerações de estudantes que ele não mais seria capaz de ensinar na sala de aula?

Da semente daquele sonho, nasceu a nova série *Walvoord Commentary* [Comentário Walvoord]. A equipe que ope-

rou para concretizar esse sonho é constituída de homens que meu pai conhecia e nos quais confiava. E, como ele mesmo teria adivinhado, foi liderada por Greg Thornton, vice-presidente sênior da Moody Publishers.

Philip Rawley concordou em assumir a liderança como o editor da série. E assumiu essa tarefa com uma dedicação ainda maior do que a sua função demandaria. Mais do que um aluno de meu pai, Phil foi seu amigo. Vinte e cinco anos atrás, ele colaborou comigo para auxiliar meu pai em um projeto que se transformou no livro *Todas as Profecias da Bíblia*. Desde então, temos trabalhado juntos em muitos projetos literários.

Contudo, acredito que esta tenha sido uma das tarefas mais importantes de Phil Rawley. Ele foi muito mais do que um editor. Em muitas ocasiões, assumiu o papel do escritor que melhor capturaria a maneira com que meu pai explicaria os seus *insights* bíblicos a uma nova geração de estudantes.

O dr. Mark Hitchcock também concordou em participar da equipe. Dado o interesse de Mark pela profecia, ele e meu pai frequentemente almoçavam juntos para discutir assuntos-chave na profecia bíblica. Mark é um grande admirador do trabalho de meu pai e também um autor prolífico, tendo escrito mais de quinze livros sobre profecia e os eventos dos últimos tempos antes de nos conhecermos. Mark foi uma escolha natural para trabalhar comigo na pesquisa e na autoria de *Armageddon, Oil, and Terror* [Armagedom, óleo e terror], lançado logo após a morte de meu pai. Durante aquele processo, nos tornamos amigos

próximos, na busca para tornar as ideias e notas de meu pai em um trabalho inteiramente novo. Foi uma jornada incrível.

O dr. Hitchcock colaborou no comentário de Apocalipse e assumiu a maior parte da tarefa de expandir o trabalho de meu pai e suas anotações de aula, previamente publicadas como *The Thessalonian Epistles* [As cartas aos Tessalonicenses],¹ em um comentário completo para esta série. Ele é um estudioso ímpar que compreende plenamente o ensino de meu pai sobre as epístolas.

Da mesma forma, o dr. Charles Dyer tornou-se uma parte importante da equipe. Ele é um autor e professor sobremodo influenciado por meu pai, inicialmente como um de seus alunos e, mais tarde, como colega na administração do Dallas Theological Seminary. Como estudioso do Antigo Testamento, o dr. Dyer assumiu a função de revisar o comentário de meu pai sobre Daniel, como também concordou em trabalhar no comentário do evangelho de Mateus, por duas razões. A primeira, é que a maior parte do ensino de Jesus sobre profecia é mais bem compreendida à luz de seu contexto no Antigo Testamento. A segunda razão é que não conheço ninguém que seja mais familiarizado com a Terra Santa e o cenário de Mateus do que o dr. Dyer. Tenho certeza de que ele fará tanto Daniel quanto os eventos do evangelho de Mateus ganharem vida diante de cada leitor da série *Walvoord Commentary*.

1 Esta obra foi publicada na série de comentários da editora Chamada com o título *1 e 2 Tessalonicenses*.

Portanto, agora, quase uma década após a morte de meu pai, seu legado estará vivo nesta nova série de comentários bíblicos. Tenho certeza de que ele teria muito orgulho dos homens que assumiram a sua tocha e a estão passando para uma nova geração de estudantes da Bíblia. Como um grande homem do “Livro”, meu pai é ainda mais engrandecido por aqueles que seguem em seus passos e permanecem fiéis à sua visão e à exposição da Palavra de Deus.

John Edward Walvoord

Janeiro de 2011

PREFÁCIO

O dr. John F. Walvoord era um homem gigante – física, espiritual e teologicamente. Ele foi meu professor durante o meu primeiro ano no Dallas Seminary, e lembro-me dele como um instrutor imponente, quase intimidador naquela grande sala de palestras. Ele parecia quase austero, mas era porque eu ainda não havia tido a oportunidade de conhecê-lo.

Mais tarde, durante os meus vinte anos no corpo docente e no serviço administrativo em Dallas, conheci o dr. Walvoord de uma forma mais pessoal. E a visão mais próxima era tão inspiradora quanto a da sala de aula. Mesmo depois de me tornar vice-presidente executivo no Dallas Theological Seminary, ele ainda era o “dr. Walvoord” para mim. Mas não me entenda mal; esse não era um título que ele exigia. Foi-lhe dado como resultado de grande respeito e admiração. Ele o *merecia!*

Durante os meus últimos anos em Dallas, um pequeno grupo de pessoas, no qual me incluo, teve o privilégio de levar o dr. Walvoord regularmente para almoçar. Aquelas visitas ao restaurante Dixie House eram verdadeiramente especiais, embora a jornada, às vezes, fosse recheada de fortes emoções, pois o dr. Walvoord insistia em dirigir! (Corríamos até o carro para sentar nos bancos de trás. O último tinha que sentar-se no banco do passageiro, na frente!)

Durante aquelas horas informais juntos, conversávamos sobre teologia – e sobre a vida. Foi quando verdadeiramente passei a conhecer e apreciar o dr. Walvoord como pessoa

– um homem sem malícia, que amava o seu Deus e a sua família, e que era inabalável em seu compromisso com a Palavra de Deus e com o ministério que Deus havia colocado diante dele. Ele colocou sua mão no arado para servir ao Senhor e jamais olhou para trás.

Quando me perguntaram se eu estaria disposto a revisar o comentário do dr. Walvoord sobre o livro de Daniel, imediatamente respondi que sim. Eu amo os profetas do Antigo Testamento e ensinei sobre eles por quase trinta anos. Mais significativamente, contudo, senti-me motivado por minha apreciação pela grande contribuição que o dr. Walvoord deu à igreja mais de quarenta anos atrás, quando ele escreveu, pela primeira vez, este comentário. Considerarei uma excelente oportunidade de compartilhar os seus *insights* magistrais sobre o livro de Daniel com uma nova geração de expositores da Bíblia. E, por causa da minha admiração por ele, este projeto tem sido um trabalho de amor.

À medida que o projeto se aproxima do fim, preciso expressar a minha apreciação a inúmeros indivíduos-chave. No topo da lista está o dr. John E. Walvoord, filho do dr. Walvoord. John, obrigado por ter tido a visão de preservar o legado de seu pai, autorizando uma nova edição de sua obra clássica. Espero que se sinta encorajado pelos resultados.

O próximo na lista é Phil Rawley. Phil é alguém que todos já leram, mas poucos sabem disso. Phil, a sua habilidade como um artífice de palavras é incrível, e você é profundamente admirado por aqueles de nós que tiveram a oportunidade de trabalhar ao seu lado!

Desejo também mencionar Bethany Rawley, filha de Phil e assistente de redação (e como ele e eu, graduada pelo Dallas Theological Seminary!). Bethany, sou grato pelas muitas horas que você gastou substituindo cada versículo, total ou parcialmente, ou mesmo uma ou duas palavras, para uma nova versão bíblica. Muito obrigado também por sua cuidadosa revisão, renumeração, eliminação e/ou substituição, quando necessário, de todas as quase 650 notas de rodapé do original.

Finalmente, quero estender uma palavra especial de agradecimento a Greg Thornton, vice-presidente sênior da Moody Publishers. Greg, você é um verdadeiro servo de Cristo, e tem sido um privilégio servir como seu colega no Moody Bible Institute!

Creio ser apropriado concluir este prefácio com uma citação do prefácio do dr. Walvoord na obra original.

Entre os grandes livros proféticos da Escritura, nenhum fornece uma visão profética mais abrangente e cronológica do amplo movimento da história do que o livro de Daniel. Dos três programas proféticos revelados na Escritura, delineando o curso das nações, de Israel e da igreja, somente Daniel revela os detalhes do plano de Deus tanto para as nações quanto para Israel. Embora outros profetas, como Jeremias, tivessem muito a dizer às nações e a Israel, Daniel reúne e inter-relaciona esses grandes temas da profecia como nenhuma outra porção da Escritura. Por isso, seu livro é essencial para a estrutura da profecia e é a chave para toda a revelação profética

do Antigo Testamento. Um estudo desse texto é, portanto, não apenas importante sob o prisma de determinar a revelação de um dos grandes livros do Antigo Testamento, mas como uma investigação preliminar indispensável a qualquer sistema escatológico completo [...].

Na tentativa de elucidar o livro de Daniel, tem sido seguido o princípio de interpretar a profecia em seu sentido normal, mas, ao mesmo tempo, reconhecendo o caráter apocalíptico de sua revelação. Total atenção tem sido dada às teorias críticas que consideram o livro de Daniel como uma falsificação. A negação da autenticidade desse livro é refutada pela evidência interna e pelas descobertas arqueológicas que atestam a genuinidade das profecias de Daniel [...].

Na preparação deste comentário, o autor foi guiado pelo desejo de preparar um volume que acompanhasse o seu trabalho anterior sobre o livro de Apocalipse. Neste novo comentário acerca do livro de Daniel, foi feita uma tentativa de prover ao estudante cuidadoso da Palavra de Deus as ferramentas e as informações necessárias para apurar, com precisão, a revelação desse importante livro, bem como relacioná-lo à teologia sistemática e, mais especificamente, à escatologia como um todo. À luz dos eventos contemporâneos no mundo, os quais se adequam tão bem à previsão da história presente no livro de Daniel, um estudo dessa natureza é da mais alta relevância às questões de nossos dias e, sustentado pelas Escrituras, oferece a esperança de que a consumação não está tão distante. Caso o leitor, por meio do estudo des-

te livro, obtenha maior compreensão sobre o programa profético divino, maior discernimento quanto aos eventos contemporâneos e uma esperança mais radiante com respeito às coisas por vir, a intenção do autor terá sido plenamente alcançada.

Charles H. Dyer
Phoenix, Arizona
31 de maio de 2011

INTRODUÇÃO

Data e autoria

O livro de Daniel, de acordo com o seu próprio testemunho, é o registro da vida e das revelações proféticas dadas a Daniel, um judeu cativo levado para a Babilônia após a primeira conquista de Jerusalém por Nabucodonosor, em 605 a.C. O registro dos eventos abrange até o terceiro ano de Ciro, em 536 a.C., e, portanto, cobre um período de quase setenta anos. O próprio Daniel pode ter vivido até cerca de 530 a.C., e o seu livro foi, provavelmente, concluído na última década de sua vida.

Embora Daniel não tenha usado a primeira pessoa para falar de si mesmo até o capítulo 7, há poucas dúvidas quanto a Daniel ser apresentado no livro como o seu autor. A autoria é assumida na porção final da obra e especialmente mencionada em 12.4. O uso da primeira pessoa com o nome de Daniel é encontrado, repetidamente, na segunda metade do livro (7.2,15,28; 8.1,15,27; 9.2,22; 10.2,7,11-12; 12.5). A maioria dos expositores, quer liberal quer conservadora, considera o livro como uma unidade, de maneira que a reivindicação quanto à autoria do livro por Daniel é reconhecida até mesmo por aqueles que a rejeitam.²

2 Cf. H. C. Leupold, *Exposition of Daniel* (Minneapolis: Augsburg, 1949), p. 8.

Exceto pelo ataque do pagão Porfírio (séc. III d.C.), nenhuma questão foi suscitada com respeito à tradicional data do século VI a.C., a autoria de Daniel, o profeta, ou a autenticidade do livro, até o surgimento da crítica histórico-literária, no século XVII, mais de dois mil anos após a obra ter sido escrita. Uma confirmação importante a respeito da historicidade do próprio Daniel é encontrada em três passagens no livro de Ezequiel (14.14,20; 28.3), escrito após Daniel ter assumido um posto relevante na corte do rei, na Babilônia.³ Convincente também aos eruditos conservadores é a referência ao “profeta Daniel” por Cristo, no discurso do monte das Oliveiras (Mt 24.15).

Os críticos histórico-literários normalmente questionam a autoria tradicional e as datas de livros tanto do Antigo quanto do Novo Testamento e, portanto, desautorizam o testemunho do próprio livro de Daniel, contestam a menção de Ezequiel a Daniel, bem como desconsideram a confirmação de Cristo, no Novo Testamento. Contudo, estudiosos conservadores têm concedido um reconhecimento quase universal ao livro de Daniel como uma autêntica composição de Daniel, o cativo de Nabucodonosor do século VI a.C. Os argumentos dos críticos histórico-literários

3 Ibid., p. 5-7. Para mais detalhes sobre a datação das profecias de Ezequiel, veja Charles H. Dyer, “Ezekiel”, *The Bible Knowledge Commentary: Old Testament*, ed. John F. Walvoord e Roy B. Zuck (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), p. 1224-1225. A primeira menção a Daniel em Ezequiel, no capítulo 14, ocorreu entre 17 de setembro de 592 a.C. (8.1) e 14 de agosto de 591 a.C. (20.1). Daniel já estava servindo na corte de Nabucodonosor por cerca de uma década quando Ezequiel o usou como exemplo em seu capítulo.

serão abordados na discussão posterior quanto à genuinidade de Daniel.

Lugar nas Escrituras

O livro de Daniel, o último a ser escrito de todos os Profetas Maiores, aparece nessa ordem entre os profetas maiores nas versões brasileiras da Bíblia. No Antigo Testamento hebraico – composto de três divisões, a Lei, os Profetas e os Escritos, os últimos denominados *Kethubim* (hebraico) ou *Hagiographa* (grego) –, Daniel é incluído na terceira seção, os Escritos. Na Septuaginta, na Vulgata e em Lutero, no entanto, a obra é posicionada ao lado dos grandes profetas. Josefo, da mesma forma, o inclui na segunda divisão do cânon judaico, os Profetas, em vez de na *Hagiographa*. Há, portanto, um reconhecimento geral quanto ao caráter profético desse livro.

Embora o ministério de Daniel fosse profético, ele foi de um caráter distinto dos demais Profetas Maiores; e, aparentemente por esse motivo, os judeus incluíram Daniel na divisão dos Escritos. Como indicado por Wilson, o motivo não era porque os judeus considerassem Daniel inferior aos demais, nem pelo fato de a seção profética do cânon já estar fechada, mas, como ele mesmo declara: “A razão mais provável de o livro ter sido colocado nessa seção do cânon hebraico é o fato de Daniel não ser considerado um *nābhī*’ (‘profeta’), mas um *hōzeh* (‘vidente’) e um *hākām* (‘homem sábio’). Nenhuma obra que não fosse dos *nebhī’im* [profetas] seria incluída na segunda divisão do cânon ju-

daico, enquanto a terceira seção seria reservada aos escritos heterogêneos de videntes, sábios e sacerdotes, ou para as obras que não cite o nome ou o trabalho de um profeta, ou que fossem escritas em forma poética”.⁴

J. B. Payne observa: “Pois, embora Cristo tenha falado sobre a *função* profética de Daniel (Mt 24.15), a sua *posição* era a de um oficial do governo e um autor inspirado, em vez de um profeta em pleno exercício do ministério (cf. At 2.29-30)”.⁵ Seja como for, os judeus não consideravam a terceira divisão como menos inspirada, mas somente distinta em caráter. Isso é claramente demonstrado pelo fato de eles terem incluído nela escritos tão venerados como Jó, Salmos e Provérbios, os livros de 1 e 2Crônicas, Esdras, Neemias e Ester, entre outros não considerados pertencentes à Lei ou aos Profetas. Não há indicações em parte alguma da literatura antiga de que os judeus consideravam Daniel como uma falsificação piedosa.

Propósito

Na hora escura do cativeiro de Israel, com a trágica destruição de Jerusalém e de seu templo, havia a necessidade de um novo testemunho da poderosa e providencial ação de Deus. Isso é assegurado pelo livro de Daniel. O propósito

4 Robert Dick Wilson, “Book of Daniel”, *International Standard Bible Encyclopedia*, ed. James Orr, vol. 2 (Chicago: Howard-Severance, 1930), p. 783.

5 J. Barton Payne, “Book of Daniel”, *Zondervan Pictorial Bible Dictionary*, ed. Merrill C. Tenney (Grand Rapids: Zondervan, 1963), p. 198.

do livro, obviamente, não é o de prestar um relato detalhado sobre a vida do autor, pois detalhes relevantes como a sua linhagem, idade e morte não são mencionados, e apenas incidentes esparsos em sua longa vida são relatados. Pouco é dito sobre a história de Israel ou a sorte dos judeus exilados na Babilônia. O livro de Daniel, assim como o de Ester, revela a contínua obra de Deus em favor de seu povo, Israel, mesmo em um período de disciplina para este.

O propósito de Daniel para sua escrita mescla temas de profecia e de devoção. Ele escreveu, primeiramente, para mostrar o programa futuro de Deus para Israel, à luz da queda da nação e depois do subsequente domínio por nações gentias. Segundo, ele escreveu para mostrar qual deveria ser a reação do remanescente fiel durante esse período de intervenção, enquanto esses servos leais aguardavam a promessa acerca do estabelecimento do reino messiânico de Deus.

Nesse cenário, os acontecimentos extraordinários acerca do tempo dos gentios e do programa de Deus para Israel foram revelados. Embora seja pouco provável que essas profecias tenham sido suficientemente difundidas durante a vida de Daniel para alentar os próprios cativos, sem dúvida o livro deu esperança aos judeus que retornaram para restaurar o templo e a cidade, sendo particularmente útil durante as perseguições da época dos macabeus. Claramente, Deus teve o propósito de dar a Daniel uma revelação abrangente do programa divino, culminando com o segundo advento. Dessa forma, a revelação profética de Daniel é a chave para compreender o discurso do monte das Oli-

veiras (Mt 24–25), bem como o livro de Apocalipse, que é para o Novo Testamento o mesmo que o livro de Daniel é para o Antigo.

Caráter apocalíptico

O livro de Daniel é corretamente classificado como um texto apocalíptico, por causa da sua série de visões sobrenaturais que exemplificam o significado da palavra grega *apokalypsis*, a qual indica uma revelação da verdade que, de outra maneira, permaneceria oculta. Embora as obras apocalípticas sobejem fora da Bíblia, relativamente poucas são encontradas na Escritura. No Novo Testamento, somente o livro de Apocalipse pode receber essa classificação; mas, no Antigo Testamento, Ezequiel e Zacarias são às vezes classificados como apocalípticos, ao lado de Daniel.

Alexander forneceu uma definição precisa e abrangente da literatura apocalíptica em seu estudo desse gênero literário: “A literatura apocalíptica é uma literatura profética simbólica e visionária, composta durante condições de opressão, e consiste em visões cujos eventos são registrados exatamente como foram vistos pelo autor, e explicados por um intérprete divino, e cujo conteúdo teológico é, primariamente, escatológico”.⁶ Alexander prossegue para definir os limites da literatura apocalíptica: “Com base nessa definição, foi definido um *corpus* de literatura apocalíptica.

6 Ralph Alexander, “Hermeneutics of Old Testament Apocalyptic Literature” (tese de doutorado, Dallas Theological Seminary, 1968), p. 1.

Fica demonstrado que as passagens apocalípticas, bíblicas e extrabíblicas, incluem o livro de Apocalipse do Novo Testamento; Ezequiel 37.1-14; 40-48; as visões de Daniel nos capítulos 2, 7, 8 e 10-12; Zacarias 1.7-6.8; 1 Enoque 90; 2 Esdras; 2 Baruque e Uma Descrição da Nova Jerusalém”.⁷

Livros apocalípticos fora da Bíblia estão incluídos entre os pseudepígrafes, muitos dos quais surgiram por volta de 250 a.C., cuja produção persistiu durante o período apostólico e além. Muitos deles tentaram imitar o estilo dos livros apocalípticos bíblicos. Em geral, eles desenvolviam o tema do lamento sobre a situação contemporânea enquanto profetizavam um futuro glorioso, repleto de bênçãos aos santos e o julgamento sobre o mal. O verdadeiro nome do autor normalmente não é mencionado nas obras apocalípticas fora do cânon bíblico. Os textos apocalípticos corretamente incluídos no Antigo Testamento podem ser fortemente contrastados com os pseudepígrafes por causa do caráter mais contido de sua revelação, da identificação do autor e da sua contribuição à verdade bíblica como um todo.

Os textos apocalípticos classificados como pseudepígrafes incluem títulos como *Ascensão de Isaías*; *Assunção de Moisés*; *Livro de Enoque*; *Livro dos Jubileus*; *Apocalipse Grego*

7 Ibid. Miller, contudo, argumenta pela maior limitação das obras identificadas como apocalípticas. “Um exame do cânon do Antigo e do Novo Testamentos revela que apenas dois livros contêm material que está de acordo com os critérios acima: o livro de Apocalipse e o livro de Daniel (particularmente, os caps. 7-12). Portanto, parece ser melhor limitar o material apocalíptico canônico a essas duas composições.” Stephen R. Miller, *Daniel*, New American Commentary (Nashville: Broadman & Holman, 2001), p. 46.

de Baruque; Carta de Aristeias; 3 e 4Macabeus; Salmos de Salomão; Segredos de Enoque; Oráculos Sibilinos; Apocalipse Siríaco de Baruque; Testamento dos Doze Patriarcas; Apocalipse de Adão, Elias e Sofonias; e o Testamento de Abraão, Isaque e Jacó.

Por causa da crítica histórico-literária ser, com frequência, contrária à revelação sobrenatural na forma simbólica, a sua tendência é depreciar os livros apocalípticos presentes na Bíblia e equipará-los com o simbolismo por vezes incoerente e extremo dos pseudepígrafes.⁸ Mas não há realmente nenhuma justificativa para isso. Até mesmo um leitor casual pode identificar a diferença qualitativa entre obras apocalípticas bíblicas e não bíblicas. Os textos apocalípticos da Escritura, com frequência, são auxiliados pela interpretação divina que fornece a chave para a compreensão da revelação intencionada. O fato de um livro ser apocalíptico não significa, necessariamente, que a sua revelação deva ser obscura ou incerta, e os estudiosos conservadores têm reconhecido a legitimidade da revelação apocalíptica como um meio genuíno de comunicação divina. Se for dada à estrutura interpretativa contextual a devida atenção, os livros apocalípticos podem gerar resultados sólidos ao exegeta paciente.

8 Cf. H. H. Rowley, *The Relevance of the Apocalyptic*, 2. ed. (Londres: Lutterworth, 1952), p. 29-55; e Stanley B. Frost, *Old Testament Apocalyptic* (Londres: Epworth, 1952), p. 178-209.

Idiomas

Uma característica incomum do livro de Daniel é o fato de a sua porção central (2.4–7.28) ser escrita em aramaico bíblico em vez de hebraico. Uma utilização similar do aramaico é encontrada em Esdras 4.8–6.18; 7.12-26; Jeremias 10.11 e nas duas palavras do nome composto de “Jegar-Saaduta”, em Gênesis 31.47.⁹ O uso do aramaico, idioma corrente no período de Daniel, estava relacionado ao fato de aquele texto dizer respeito ao mundo gentio, não diretamente a Israel. O fato de haver passagens similares em outros livros da Bíblia deixa claro que não há nada incomum ou questionável acerca da porção aramaica em Daniel. Como indicado por Brownlee,¹⁰ as mudanças em Daniel do hebraico para o aramaico, e vice-versa, foram observadas nos rolos do livro encontrados em Qumran, comprovando a legitimidade dessa característica do Texto Massorético, normalmente usado nas traduções para a língua portuguesa.

O argumento de que o aramaico de Daniel seria ocidental e não era usado na Babilônia, como popularizado por S. R. Driver,¹¹ foi agora claramente demonstrado como equivocado por evidências arqueológicas posteriores. Como Martin observa, com respeito à contestação de Driver:

9 Cf. W. J. Martin, “Language of the Old Testament”, *The New Bible Dictionary* (Grand Rapids: Eerdmans, 1962), p. 712-713.

10 William H. Brownlee, *The Meaning of the Qumran Scrolls for the Bible* (Nova York: Oxford, 1964), p. 36.

11 S. R. Driver, *The Book of Daniel*, *The Cambridge Bible for Schools and Colleges* (Cambridge: Cambridge University Press, 1900), p. lix-lx.

“Quando ele [Driver] escreveu, o único material disponível era muito tardio para ser relevante. Subsequentemente, R. D. Wilson, fazendo uso de materiais mais antigos que vieram à luz, foi capaz de mostrar que a distinção entre o aramaico ocidental e o oriental não existia nos tempos anteriores a Cristo”.¹²

Com relação ao problema do aramaico, Archer afirma: “Os judeus, aparentemente, não fizeram restrições quanto às seções aramaicas no livro de Esdras, a maioria das quais consistia em cópias da correspondência trocada em aramaico entre os governos locais da Palestina e a corte imperial persa, no período aproximado entre 520 e 460 a.C. Se Esdras pode ser considerado um documento autêntico da metade do século V a.C., quando muitos de seus capítulos foram, em sua maior parte, compostos em aramaico, é difícil entender por que os seis capítulos em Daniel escritos em aramaico precisam ter as suas datas transferidas para dois séculos depois. Deveria ser cuidadosamente observado que, na Babilônia do final do século VI a.C., durante o qual Daniel supostamente viveu, o idioma predominante falado pela população heterogênea que residia nessa metrópole era o aramaico. Não surpreende, portanto, que um habitante dessa cidade tenha recorrido a esse idioma na composição de parte de suas memórias”.¹³

12 Martin, “Language of the Old Testament”, p. 712; cf. Wilson, “Book of Daniel”, p. 784.

13 Gleason L. Archer Jr., *A Survey of Old Testament Introduction*, ed. rev. (Chicago: Moody, 2007), p. 377-378.

Principais divisões e unidade

A tradicional divisão do livro de Daniel em duas partes (1–6; 7–12) é normalmente justificada com base no fato de os seis primeiros capítulos serem históricos e os últimos seis serem apocalípticos ou preditivos. Há muitos motivos para se elogiar essa divisão, que, com frequência, também considera o capítulo 1 como introdutório.

Conforme indicado na exposição do capítulo 7, uma abordagem alternativa, que reconhece a porção aramaica como significativa, divide o livro em três divisões principais: (1) introdução, Daniel 1; (2) o tempo dos gentios, em aramaico, Daniel 2–7; (3) Israel em relação aos gentios, em hebraico, Daniel 8–12. Essa visão é desenvolvida por Culver, ao acompanhar Auberlen.¹⁴ Embora não tenha atraído a maioria dos estudiosos conservadores, essa divisão apresenta a vantagem de distinguir os programas de Deus para os gentios e para Israel, com a quebra ocorrendo no fim do capítulo 7.

Essa divisão também permite que a estrutura quiástica dentro dos capítulos 2-7 desenvolva o significado da seção. Os capítulos 2 e 7 focam na sucessão de quatro impérios gentios, cuja ascensão será permitida por Deus até que ele, por fim, estabeleça o seu reino messiânico. Os capítulos 3 e 6 advertem os fiéis da perseguição que eles poderão experimentar e os encoraja a permanecerem firmes. Os capítulos

14 Cf. Robert D. Culver, *Daniel and the Latter Days* (Chicago: Moody, s.d.), p. 95-104; e Carl August Auberlen, *The Prophecies of Daniel and the Revelations of St. John* (Edimburgo: T. & T. Clark, 1857), p. 27-31.

4 e 5 lembram o remanescente de um período no qual os governantes gentios reconhecerão que o Deus de Israel é, de fato, soberano sobre as nações.

Embora as divisões de Daniel possam ser debatidas, é relevante que a grande maioria dos intérpretes concorde com a unidade da obra. Alguns, começando com Spinoza no século XVII, possuíam outras visões. Montgomery, por exemplo, oferece uma visão minoritária, mesmo entre os críticos, de que os capítulos 1-6 foram escritos por um autor desconhecido no século III a.C., e que os capítulos 7-12 foram compostos no tempo dos macabeus, em 168-165 a.C. É significativo que todos os que negam a unidade do livro também neguem a sua autenticidade como um texto do século VI a.C. Embora as duas metades de Daniel sejam distintas em caráter, há uma óbvia continuidade histórica que advoga a unidade da obra.¹⁵ O mesmo Daniel que é introduzido no capítulo 1 é mencionado três vezes no capítulo 12. A evidência é esmagadora em favor da unidade do livro.

Adições apócrifas

Na versão grega de Daniel, muitos acréscimos foram feitos ao livro que não estão presentes no texto hebraico ou aramaico. Entre as adições estão *A Oração de Azarias*, *O Cântico dos Três Jovens*, *Susana*, e *Bel e o Dragão*.

15 Cf. Culver, *Daniel and the Latter Days*, p. 784.

Os dois primeiros contêm a oração e o louvor dos três amigos de Daniel quando estavam no interior da fornalha ardente, em Daniel 3, com frases extraídas do salmo 148. *Susana* é a história de uma mulher protegida por Daniel, que obtém a condenação de dois juízes culpados de tentar seduzi-la. Esses juízes foram executados de acordo com a lei mosaica. *Bel e o Dragão* inclui três histórias nas quais Daniel destrói a imagem de Bel, mata o dragão e é alimentado por Habacuque, o profeta, enquanto ele permanece na cova dos leões durante seis dias – um relato ampliado de Daniel 6. Essas histórias foram excluídas das Escrituras por não pertencerem propriamente ao livro de Daniel.¹⁶ Miller observa que o fragmento de Daniel descoberto em Qumran omitia essas adições de Daniel 3 encontradas nas versões do livro em grego, siríaco e latim.¹⁷

Autenticidade

A autenticidade do livro de Daniel como um texto do século VI a.C., de autoria do profeta Daniel, parece não ter sido objeto de questionamento até o século III d.C., quando Porfírio, um neoplatonista pagão, fez ataques ao livro. Ele afirmava que o texto era uma falsificação do século II a.C. As quinze obras da autoria de Porfírio, *Contra os cristãos*, são conhecidas hoje somente por causa de Jerônimo. O ataque de Porfírio suscitou imediatamente uma defesa

¹⁶ Ibid., p. 787.

¹⁷ Miller, *Daniel*, p. 50.



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site
loja.chamada.com.br

É POSSÍVEL ENTENDER AS PROFECIAS DE DANIEL?

O livro de Daniel, de acordo com o seu próprio testemunho, é o registro da vida e das revelações proféticas dadas a Daniel, um judeu cativo levado para a Babilônia após a primeira conquista de Jerusalém por Nabucodonosor, em 605 a.C. Entender a história, as profecias e os sonhos de Daniel é a chave para entender a revelação profética do Antigo Testamento.

Um dos teólogos mais proeminentes do século passado, John F. Walvoord aborda neste comentário supostas imprecisões históricas do livro e considera os cumprimentos passados e futuros de profecias específicas. Além disso, diferentes pontos de vista e abordagens interpretativas são apresentados em passagens importantes. Walvoord também dedica atenção especial a questões textuais e doutrinárias, evitando o linguajar técnico.

Editada e atualizada por Charles H. Dyer, especialista em Antigo Testamento e autoridade em história e geografia do Oriente Médio, esta obra clássica foi criada para ajudá-lo a entender e interpretar o livro de Daniel e a compreender o que o futuro pode trazer.

ISBN 978-65-89505-29-7



9 786589 505297